

Artigo

“Se oriente, rapaz!”: Onde ficam os antropólogos em relação a pastores, geneticistas e tantos “outros” na controvérsia sobre as causas da homossexualidade?

Peter Fry

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil
phfrio@gmail.com

Sérgio Carrara

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

RESUMO: Neste ensaio abordamos a controvérsia motivada por uma entrevista, nacionalmente veiculada por importante canal de televisão brasileiro. Nela, um eminente pastor pentecostal negava haver qualquer base biológica para o que se referia como *homossexualismo*, recomendando que “pacientes” homossexuais se convertessem ao *heterossexualismo*. Diferentes atores sociais do campo religioso (evangélico) e científico (genética/biologia) manifestaram-se então sobre as possíveis causas da homossexualidade. Examinamos a repercussão dessa controvérsia entre antropólogos e ativistas LGBT e revisitamos a clássica oposição, trazida à tona por ela, entre perspectivas *essencialistas* e *construtivistas* nos estudos sobre a sexualidade. Sugerimos, finalmente, que o próprio conflito entre tais perspectivas deva ser entendido como parte do problema a ser analisado em futuras pesquisas antropológicas.

PALAVRAS-CHAVE: homossexualidade, genética, pentecostalismo, Brasil.

Between "aggression" and Vietnam, "sexuality" and cross-cousin marriage, "reciprocal altruism" and the exchange rate of red shell necklaces biology offers us merely an enormous intellectual void. Its place can only be filled by a theory of the nature and dynamics of culture as a meaningful system. Within the void left by biology lies the whole of anthropology. (Sahlins, 1976)

Uma controvérsia reveladora

No dia 13 de fevereiro de 2013, a coluna do jornalista Francisco Bosco, n'O Globo, intitulava-se "O Monossexualismo".¹ Comentava uma emissão televisiva na qual, segundo afirmava, teria havido uma mistura oportunista entre ciência e religião. Referia-se ao conteúdo transmitido em rede nacional, fazia então alguns dias, no programa intitulado "De frente com Gabi".² Nele, a jornalista Marília Gabriela entrevistou Silas Malafaia, apresentado por ela como "um dos mais conhecidos e polêmicos pastores evangélicos brasileiros". Líder da igreja Assembleia de Deus Vitória em Cristo, graduado em psicologia, presidente da editora Central Gospel, vice-presidente do Conselho Inter-denominacional de Ministros Evangélicos do Brasil (Cimeb)³, o pastor, conforme a entrevistadora o apresentou ao público, "combate abertamente a homossexualidade e o aborto" e teria trazido esses temas para as últimas campanhas eleitorais. Ainda segundo Marília Gabriela, isso teria lhe valido "alguns processos e muita publicidade". Ao longo da entrevista, Malafaia define o "homossexualismo"⁴ como pecado ou imoralidade. Negando qualquer base biológica para tal "comportamento", recomenda que seus "praticantes" se "convertam" para o "heterossexualismo". Até o dia 12 de maio de 2014, o site *YouTube* tinha registrado não menos de 213.968 exibições da entrevista.

Alguns dias depois, Eli Vieira, que se apresentou como biólogo, mestre e doutorando em genética, estudando naquele momento na prestigiosa Universidade de Cambridge (Inglaterra), postou também no *YouTube* sua resposta ao pastor, vista por 1.634.547 pessoas até 30/06/2014.⁵ Nela, muitas vezes com ironia, o jovem cientista citava muitos trabalhos científicos e acusava o pastor de não saber nada sobre ciência; particularmente sobre genética, propondo-se a refutar seus argumentos ponto por ponto. O geneticista inicia sua argumentação discutindo a afirmação de Malafaia de que ninguém

nasce gay, de que se trata de uma questão de "comportamento", ou seja, de algo aprendido. A esse respeito, interpelando o pastor, diz Vieira:

É difícil entender o que você quer dizer com isso: "não é de nascença; é comportamento". Porque nós não nascemos com muita coisa em termos de comportamento. Um bebê se comporta como? Ele só chora e mama. São basicamente esses comportamentos que um bebê pode manifestar. Também agarra a mão da mãe [...] Não tem muita coisa de comportamento que vem de nascença, nesse sentido. Acho que você quer dizer é se há alguma contribuição de coisas herdadas biologicamente para esse comportamento que é a orientação sexual. E, nesse sentido, eu posso garantir com base numa literatura farta que, sim, existe uma contribuição dos genes na manifestação da orientação sexual. Isso não é passível de ser negado mais.

Em seguida, o jovem geneticista apresenta resultados de alguns estudos sobre orientação sexual que comparam gêmeos monozigóticos⁶, ou seja, aqueles que, conforme explica, seriam "geneticamente idênticos", a gêmeos dizigóticos ou "fraternos", cuja similaridade genética seria a mesma verificada entre irmãos não-gêmeos. Haveria, segundo diz, a chance de uma maior concordância na orientação sexual entre gêmeos monozigóticos que entre gêmeos dizigóticos, ou seja, entre irmãos não-gêmeos. Partindo de estudos probabilísticos ou relativos à incidência da homossexualidade em certas populações,⁷ o geneticista chega a uma afirmação categórica e, do nosso ponto de vista, um tanto temerária: "O que a genética está dizendo aqui é que, quando um gêmeo é homossexual, o outro também é. E a chance de outro [em um grupo de irmãos] também ser aumenta na medida em que aumenta o parentesco genético entre eles".

Ainda na entrevista, o pastor afirmava que as pesquisas que procuravam explicar a gênese biológica da orientação sexual através do mapeamento cerebral não "deram nada". A esta afirmação de Malafaia, Vieira mostra-se surpreso com o fato de que, a esse respeito, a jornalista lhe parecer saber mais do que o "pastor-psicólogo". Segundo afirma:

Como não deu nada? Neurocientistas investigaram os cérebros de pessoas homossexuais e heterossexuais e já mostraram que especificamente em regiões do cérebro relacionadas a prazer sexual e conexão emocional, que é o sistema límbico, homens homossexuais mostram similaridades cerebrais a mulheres heterossexuais e mulheres homossexuais mostram similaridades cerebrais a homens heterossexuais.⁸

Cérebros de homens e mulheres homossexuais seriam, portanto, tão diferentes quanto o seriam, supostamente, cérebros de homens e mulheres heterossexuais. A discussão sobre a determinação biológica da homossexualidade desliza assim da genética para a neurociência e para uma linguagem que opera no plano das diferenças de gênero, advogando uma "natureza feminina" para a homossexualidade masculina e uma "natureza masculina" para a homossexualidade feminina. O argumento neurofisiológico compareceria ainda uma vez nos argumentos do geneticista. Ao final de seu vídeo-resposta, ele faz referência aos neurotransmissores e a experimentos laboratoriais realizados com camundongos. Depois de afirmar existirem 1500 espécies animais que "manifestam comportamento homossexual", o geneticista diz, conclusivamente:

[...] estudos com camundongos mostram que uma depleção ou diminuição de serotonina no sistema nervoso central altera o comportamento sexual e os ratos passavam a montar em cima de machos e fêmeas. Os machos se tornavam meio que bissexuais. Parece que a serotonina contribui para a orientação sexual.

Vieira insiste assim que "bases genéticas *influenciam* a orientação sexual", ou seja, que os genes contribuiriam para homossexualidade e que, portanto, não se trataria aqui de uma "escolha" que pudesse ser alterada a partir de qualquer abordagem "terapêutica", como advogava o pastor.

Talvez expressões como "influência" e "influenciar" sejam as mais repetidas pelo geneticista ao longo de seu vídeo-resposta, indicando, como ele ressalta enfaticamente, que, no que concerne à gênese da homossexualidade, não se trata de "determinismo genético", de "inatismo", como se acreditava no início do século XX. Nesse sentido, citando o consagrado geneticista brasileiro, Newton Freire-Maia, frisa:

A gente progrediu, a gente evoluiu e hoje a gente sabe que o comportamento é um fenótipo influenciado por uma infinidade de genes e alguns, centenas ou milhares, influenciam o desenvolvimento do cérebro e inclusive nas regiões do cérebro que influenciam a orientação sexual. E isso não deixa de lado as influências ambientais e culturais.

Enfim, genes e neurotransmissores, de um lado, e o meio ambiente em que se vive, de outro, seriam igualmente importantes. Segundo afirma, já estaria estabelecido que "altura, cor de pele e comportamento têm influência tanto genética, quanto ambiental e, no caso do

comportamento, parte da influência ambiental é cultural, nos seres humanos". O *coup de grace* desferido pelo geneticista contra o pastor viria na forma de uma confissão de fé na ciência: "Eu não tenho nenhuma lição de moral, porque ao contrário de você, pastor Silas Malafaia, eu não misturo os meus fatos, como biólogo-geneticista, com a minha moral ou ética. Os fatos, eu simplesmente aceito".

A inflamada resposta de Silas Malafaia ao geneticista seria divulgada dias depois pelo portal Verdade Gospel na forma de vídeo, com 24.730 visualizações no *YouTube*, até 12 de maio de 2014. Nele, o pastor apenas reafirma suas posições e desqualifica seu interlocutor, a quem se refere como "pseudodoutor em genética", como "rapazinho", que estaria "legislado em causa própria" – ou seja, sugere que seria ele próprio homossexual. E, como ressalta um tanto enigmaticamente, "os homossexuais adoram números mentirosos". Reafirma que não existiria "gene homossexual", nem "ordem cromossômica homossexual", nem "hormônio homossexual", "só macho e fêmea."⁹ O mais interessante e irônico, porém, é que o pastor chama então, em apoio às suas posições, nada menos que o líder do conhecido Projeto Genoma Humano, Francis Collins, protestante e autor de *The Language of God: A Scientist Presents Evidence for Belief* (2006). Mas Collins diz quase exatamente o mesmo que Vieira:

The evidence we have at present strongly supports the proposition that there are hereditary factors in male homosexuality – the observation that an identical twin of a male homosexual has approximately a 20% likelihood of also being gay points to this conclusion, since that is 10 times the population incidence. But the fact that the answer is not 100% also suggests that other factors besides DNA must be involved. That certainly doesn't imply, however, that those other undefined factors are inherently alterable.¹⁰

A controvérsia entre o pastor e o geneticista ainda se aprofundaria nos meses seguintes, quando, em 7 de março de 2013, a Sociedade Brasileira de Genética divulga um manifesto ou carta de apoio às posições de Vieira. O manifesto teria, entretanto, apropriações divergentes, provavelmente devido ao caráter eclético da teoria causal que incorpora. De um lado, afirma-se na carta que haveria "fortes evidências de que o substrato neurobiológico para a orientação sexual já está presente nos primeiros anos de vida"¹¹, e que, portanto, seria muito difícil "converter" homossexuais em heterossexuais. De outro, advoga-se que a homossexualidade é uma "característica" cuja manifestação seria multifatorial, ou seja, o resultado da interação complexa entre genes e ambiente. Assim como as ideias de Collins,

o manifesto da Sociedade Brasileira de Genética seria simultaneamente apropriado por defensores e detratores das posições do pastor.

Muitos militantes e ativistas LGBT brasileiros tenderam a apoiar o geneticista e se mostram simpáticos à ideia de uma “influência” biológica sobre a gênese da homossexualidade. Porém, compreenderam “influência” como sinônimo de “determinação”, como apontado por Regina Facchini, antropóloga com importante passagem pelo ativismo LGBT. Em 5 de fevereiro de 2013, Facchini divulga através do *Facebook* um comentário intitulado *O status de humano e suas medidas*.¹² No texto, diz lamentar “o uso que se tem feito na rede desse vídeo [refere-se ao vídeo do jovem geneticista] pra dizer que ‘vejam, que bom, a gente nasce assim!’”. Ressaltando que as teorias do geneticista enfatizam a complexidade das interações entre meio ambiente e genética, acrescenta: “Tendo a pensar que as pessoas, inclusive ativistas por direitos LGBT, não estão prontas ou dispostas a ver complexidade alguma e que de fato esperam que alguém aponte uma origem única e bem simples do ‘comportamento humano’”¹³.

Embora não seja o foco do presente ensaio, é importante lembrar que a controvérsia, que envolveu como atores centrais o pastor e o jovem geneticista, não deixou de ser mais um *round* do conflituoso processo político que, no Brasil, desenrola-se nos últimos anos em torno do reconhecimento de direitos civis de gays, lésbicas, travestis e transexuais. No plano político, o Pastor Silas Malafaia vem se notabilizando por fornecer subsídios supostamente científicos (ao menos, não teológicos) em apoio a posições contrárias à extensão desses direitos. Como explorado por diferentes autores, discussões em torno de projetos de lei, como os que visam à criminalização da homofobia, ou à possibilidade de psicólogos e outros profissionais envolverem-se em práticas de “cura” da homossexualidade, ou ainda ao pleno reconhecimento das relações conjugais entre pessoas do mesmo sexo, têm desencadeado, via de regra, acirradas discussões sobre a natureza da homossexualidade.¹⁴

A inquietante “natureza” da homossexualidade

É certo que os argumentos de Vieira apoiaram-se em certas pesquisas, mas deixaram de lado muitas outras que há décadas giram em torno da comprovação da existência de diferenças

naturais entre heterossexuais e homossexuais.¹⁵ Poderia ter reivindicado a autoridade científica do Museu Norueguês de História Natural que, em 2005, montou uma exibição chamada "*Against Nature, an Exhibition on Animal Homosexuality*".¹⁶ Poderia ter igualmente se referido de modo mais explícito aos fundamentos endocrinológicos da orientação sexual e à teoria sobre o tamanho dos dedos da mão, assim resumida por Robinson e Manning:

First, homosexual males have lower left hand 2D:4D¹⁷ ratios than population norms and this appears to be the case after controlling for age, ethnicity and multiple tests. Secondly, within a sample of homosexual males, there was a positive association between 2D:4D ratio and SOS, that is, men who reported exclusive homosexuality had higher 2D:4D than those who reported some female partners or sexual fantasies concerning females. [...] If 2D:4D ratio is negatively related to prenatal testosterone and positively to prenatal oestrogen, our first finding suggests that male homosexuals experience higher testosterone and lower oestrogen in utero than population norms (Robinson e Manning, 2000: 341-342).

Ainda, poderia-se fazer menção à teoria sobre a importância da posição na ordem fraternal, que coloca em jogo a exposição diferencial de fetos masculinos e femininos aos anticorpos maternos. Segundo Blanchard e Bogaert (2004: 154), "Males comprise roughly 50% of the human population. The prevalence of homosexuality in adult men is about 3%, and the fraternal birth order effect accounts for maybe 20% of them". Tais trabalhos, que foram replicados em Samoa e em Santa Catarina, advogam que o organismo da mãe reagiria a um primeiro feto do sexo masculino, desenvolvendo anticorpos que, no contexto de uma segunda gestação de outro feto masculino, agiriam sobre ele, feminilizando-o e o predispondo, quando adulto, a apresentar orientação homossexual. Vieira poderia ter se remetido também aos bem conhecidos estudos de LeVay, que, em 1991, sugeriu formas diferentes do hipotálamo entre homossexuais e heterossexuais (LeVay, 1991) ou aos de Hamer que, em 1994, advogou a existência de um marcador homossexual na área Xq28, do cromossomo X (Hamer e Copeland, 1994).¹⁸

Além de buscar as bases biológicas para a homossexualidade, alguns desses estudos enfrentaram a difícil questão relativa ao modo como tal característica seria transmitida ao longo das gerações, uma vez que homens e mulheres homossexuais tenderiam supostamente a não se reproduzir. Talvez a resposta mais engenhosa a esse paradoxo tenha sido a de Simon LeVay, que levantou a hipótese de que o gene associado à homossexualidade seria

recessivo e passaria de geração em geração como os genes que “produzem” os olhos azuis ou a anemia falciforme. Sendo assim, só seria importante para a manifestação da homossexualidade quando herdado de ambos os pais. Sua estranha persistência ao longo do tempo talvez pudesse ser explicada a partir das ideias de Andrea Camperio Ciani, da Universidade de Padova, para quem as tias pelo lado materno de homens gays tendiam significativamente a ter mais filhos que aquelas de homens heterossexuais (Ciani et al., 2012). Entusiasmado com o “achado”, Ciani afirmou ao *The New Scientist*: “We have finally solved this paradox[...]. The same factor that influences sexual orientation in males promotes higher fecundity in females”.¹⁹ Assim, os genes e a genética parecem dar com uma mão, aquilo que tiram com a outra; sobretudo aos homens homossexuais que, como se pode perceber a partir das teorias até aqui referidas, ocupam, em detrimento da muito menos problematizada homossexualidade feminina, lugar central no horizonte das preocupações dos cientistas.

Mas voltemos à polêmica discussão entre o biólogo-geneticista e o pastor-psicólogo. Como postula Giumbelli, por mais efêmeras que sejam, controvérsias sociais ou polêmicas públicas devem ser consideradas como dramas sociais, como “momento de expressão e redefinição de pontos e problemas, os quais permanecem importantes, às vezes até cruciais, na constituição de uma sociedade” (Giumbelli, 2002: 97). Nesse sentido, nessa disputa, além das óbvias discordâncias, Malafaia e Vieira comungam do histórico fascínio sobre as *origens* das duas categorias que dividiriam a humanidade em homossexuais e heterossexuais. Revelam-se, assim, presos a uma classificação social, cujas origens encontram-se em meados do século XIX, nos trabalhos do escritor e ativista austro-húngaro Karl Maria Kertbeny, e que se manteve intata até muito recentemente.²⁰

Como compreender esse fascínio social pelas causas da homossexualidade e, sobretudo, da homossexualidade masculina? Como sempre é o caso nessas situações, o fascínio social revela mais sobre os pesquisadores que sobre o “objeto” sobre o qual inside. Quando Malafaia acusa Vieira de “advogar em causa própria”, não deixa de apontar para uma peculiaridade do campo das pesquisas biológicas sobre homossexualidade. Não é incomum que os pesquisadores que trabalham sobre as bases naturais da homossexualidade definam-se eles próprios como gays ou homossexuais. Expressam, ao que parece não muito diversamente dos “ativistas pelos direitos LGBT” interpelados por Facchini, o desejo de estabelecer uma origem para sua própria orientação sexual, que, em face de um contexto

social adverso, torne-a mais "habitável", o que para muitos significa colocá-la para além do controle individual. Buscam estabelecer uma essência biológica para uma identidade social específica, mas, dessa vez, não mais como doença – conforme a projetou o discurso biomédico dominante até o final do século XX –, e sim como "variação benigna" do comportamento sexual, tão "natural" quanto a heterossexualidade; ou seja, uma diferença que pode, enfim, ser celebrada.

Assim, se muitos cientistas que pesquisam o tema e alguns militantes e ativistas apoiam a afirmação da existência de bases naturais para a homossexualidade – conferindo uma espécie de legitimidade genética às identidades LGBT e, sobretudo, tornando insustentáveis argumentos que buscam ancorar cientificamente a possibilidade de "converter" homossexuais em heterossexuais através das chamadas terapias de reversão – outros se mostram mais circunspectos. Estes últimos talvez tenham teorias que defendem o fundamento biológico da homossexualidade porque percebam nelas a ressurreição das antigas políticas eugênicas que, no passado, levaram homossexuais a hospícios e a campos de concentração. Mas é justamente por ser contrário a tais teorias que Malafaia acha que pode e deve interferir. Como acredita que a homossexualidade é de responsabilidade do indivíduo e resultado da (má) influência do meio social, ele pode imaginar e promover sua "reversão" para a heterossexualidade.

Além de tender a endossar a ideia de que, como a heterossexualidade, a homossexualidade é "apenas" uma variação natural da sexualidade humana, o raciocínio da moderna genética procura ser também inclusivo e não-determinista, incorporando conceitos como o de "complexidade" e "multifatorialidade". E, antes de continuar, uma nota sobre isso nos parece necessária. Para ativistas e militantes (e para o lado militante dos pesquisadores), o vídeo-resposta ao pastor foi recebido com certo alívio, como mais uma arma na luta que, em nome da mais estrita separação entre religião e política, vem empreendendo o ativismo LGBT no país. Contudo, o vídeo é perturbador para quem vê o mundo de uma perspectiva diferente daquela do geneticista (mesmo reconhecendo suas credenciais na área que lhe é própria) e tem outra opinião sobre o assunto. Ele não diz que a genética determina "em última instância" o comportamento homossexual, que seria o resultado de um conjunto causal complexo em que vários tipos de "influências" estariam em jogo e, "somadas", explicariam o fenômeno. Porém, se influências ou determinações sociais, psicológicas e biológicas podem se "somar" no modo como os fenômenos se

apresentam, elas não podem se somar logicamente em sua causalidade. Ou seja, em termos lógicos, conceber uma causa como genética é necessariamente concebê-la como não-psicológica e não-social. Ainda não há como escapar disso.

Uma causa simultaneamente bio-psico-social é impossível de ser concebida por nossa linguagem científica atual. O modo de demonstração do geneticista revela isso claramente. Não importa se a teoria em questão é genética, neurofisiológica, endocrinológica ou uma mistura delas, o que importa é ressaltar que a incidência da homossexualidade em gêmeos monozigóticos ou a diferença cerebral entre homossexuais e heterossexuais só podem ser "provadas" ou demonstradas se outras ordens de causalidade concorrentes e seus efeitos forem "controlados" (anulados). Para provar a existência de "influências" biológicas, não basta apenas que os gêmeos monozigóticos, por exemplo, manifestem mais frequentemente ter as mesmas preferências ou orientações sexuais que gêmeos-dizigóticos e irmãos não-gêmeos, mas que tenham sido criados em famílias diferentes, em países diferentes e, até arriscaríamos dizer, em culturas distintas. Em outro plano argumentativo, para demonstrar que o cérebro tem algo a ver com a homossexualidade, é necessário que a diferença responsável por essa orientação se manifeste em qualquer cérebro, seja o de japoneses, finlandeses ou guaranis. Assim, se no campo científico temos a crescente valorização, ao menos no plano da retórica, de uma espécie de ciranda causal bio-psico-social; no plano lógico, os saberes biológicos, psicológicos e sociológicos só podem continuar a brincar sozinhos, girando cada um em torno de seu próprio eixo.

O que os antropólogos poderiam dizer nesse debate?

Para a grande maioria dos antropólogos (mas também sociólogos e historiadores) que pesquisam o tema, as categorias homossexual e heterossexual são produtos da cultura ocidental moderna, surgindo como personagens no final do século XIX, assim como os criminosos-natos e grupos raciais (MacIntosh, 1968; Weeks, 1985; Foucault, 1977, 1984a e b). Aparecem, assim, no mesmo momento em que se estabeleciam as teorias científicas que buscavam ancorar no corpo a diferenciação entre os dois sexos (Laqueur, 2001). Como observou Freire Costa (1995) há vários anos, somente nos quadros de um pensamento que

vê homens e mulheres como pertencentes a sexos distintos e incomensuráveis é que se torna logicamente possível a emergência de uma taxinomia como a desenvolvida pelo jurista alemão Karl Heinrich Ulrichs, que compreendeu a homossexualidade como um fenômeno de “inversão sexual”.

Ulrichs criou uma taxinomia que operava em dois níveis. O primeiro separava *Dioning* (heterossexuais) e *Urning* (homossexuais); o segundo dividia essa última categoria, de acordo com preferências sexuais e expressões de gênero, em *Mannling* (os mais masculinos) e *Wiebling* (os mais femininos). Em seu primeiro nível, tal taxinomia se conserva até hoje através da oposição entre homossexuais e heterossexuais. No seu segundo nível, assemelha-se ao que os antropólogos chamaram, no século passado, de modelo hierárquico, mais difundido, no Brasil, entre as classes populares (Fry, 1982; Carrara e Simões, 2007). Nesse caso, a divisão seria mais radical uma vez que o parceiro ideal para a “bicha” seria um “homem de verdade”, ou seja, um homem que teria relações sexuais tanto com homens quanto com mulheres, mantendo supostamente nos dois casos sempre uma posição sexualmente ativa e uma expressão de gênero livre de qualquer sinal de feminilidade. Como se dizia nesse contexto, “bicha com bicha dá lagartixa”, designando assim a impossibilidade (socio)lógica de tal relação.

Ao tratar tais taxinomias como cultural e historicamente específicas, os antropólogos contribuíram para desnaturalizá-las, questionando sua universalidade. Alguns, curiosamente, apoiariam-se em pesquisas feitas na seara das ciências naturais, como as do entomologista e sexólogo Alfred Kinsey, que, a partir de dados recolhidos junto a milhares de homens e mulheres americanos ao longo dos anos 1940 e 50, buscava demonstrar que a homossexualidade era “natural” não por ser influenciada por genes, nervos ou hormônios, mas apenas por ser regular, comum ou amplamente difundida na população. Assim, em relação à homossexualidade masculina, afirmava que quase 46% dos homens americanos teriam “reagido” sexualmente a pessoas do mesmo sexo ao longo das suas vidas adultas e que 37% deles tinham tido pelo menos uma experiência homossexual. Dessa forma, desenvolveu a sua famosa escala (ver Figura 1), na qual situava seus entrevistados em um contínuo que ia de “0” (exclusivamente heterossexuais) até “6” (exclusivamente homossexuais), com a categoria “x” para aqueles que não declaravam quaisquer contatos ou reações sexuais.²¹ Talvez seu pronunciamento mais contundente em relação a tais resultados tenha sido aquele segundo o qual:

Males do not represent two discrete populations, heterosexual and homosexual. The world is not to be divided into sheep and goats. It is a fundamental of taxonomy that nature rarely deals with discrete categories... The living world is a continuum in each and every one of its aspects. (Kinsey, Pomeroy, e Martin, 1948: 639)

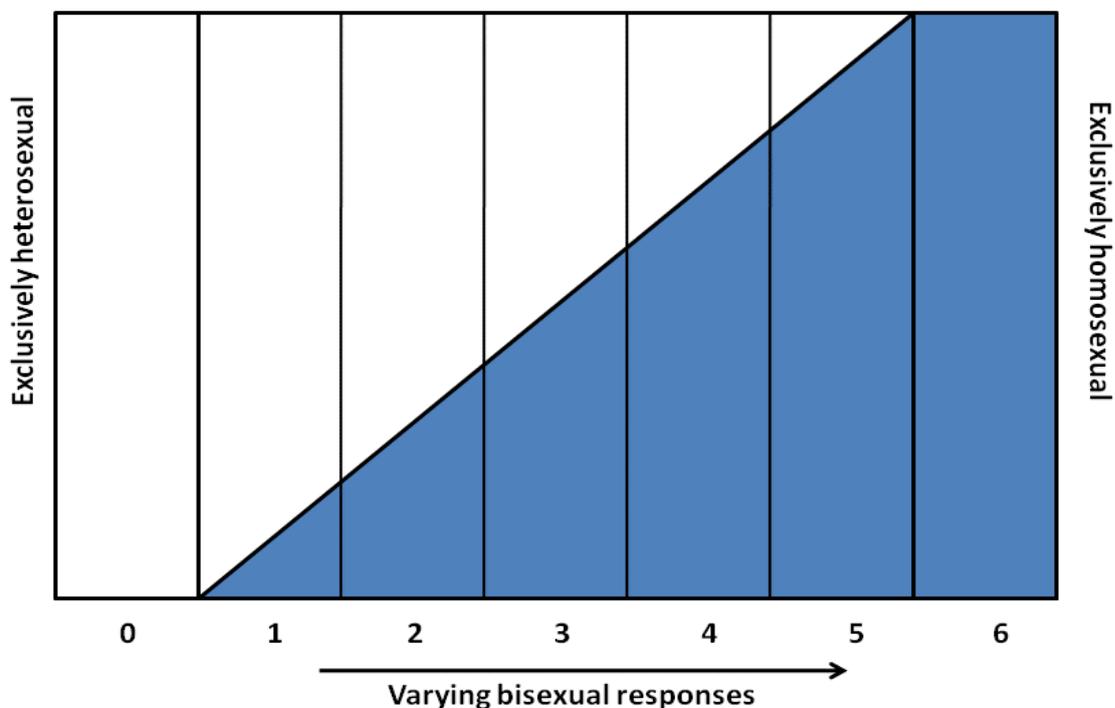


Figura 1: A famosa Escala Kinsey

Mesmo acreditando ser impossível separar homossexuais e heterossexuais em duas categorias discretas, Kinsey utilizou os conceitos de homossexualidade e heterossexualidade vigentes em sua própria sociedade. Os antropólogos, por seu lado, trabalhavam em sociedades muito díspares e produziam efeitos desnaturalizadores revelando que, em outros lugares, as coisas se passavam de modo inteira ou relativamente diferente. Se, naqueles mesmos anos, tivesse trabalhado no Brasil e estudado as classes populares, por exemplo, talvez Kinsey tivesse desenvolvido outra escala, baseada nesse caso não no sexo dos parceiros, mas sim no gênero, revelado pelo tipo de prática sexual, ativa ou passiva, que preferissem. Desenharía, assim, outro contínuo, opondo, em um extremo, pessoas mais “másculas” e que manifestassem uma preferência apenas para a posição ativa nos atos sexuais e, no outro, as mais “afeminadas” e exclusivamente passivas, conforme a Figura 2.

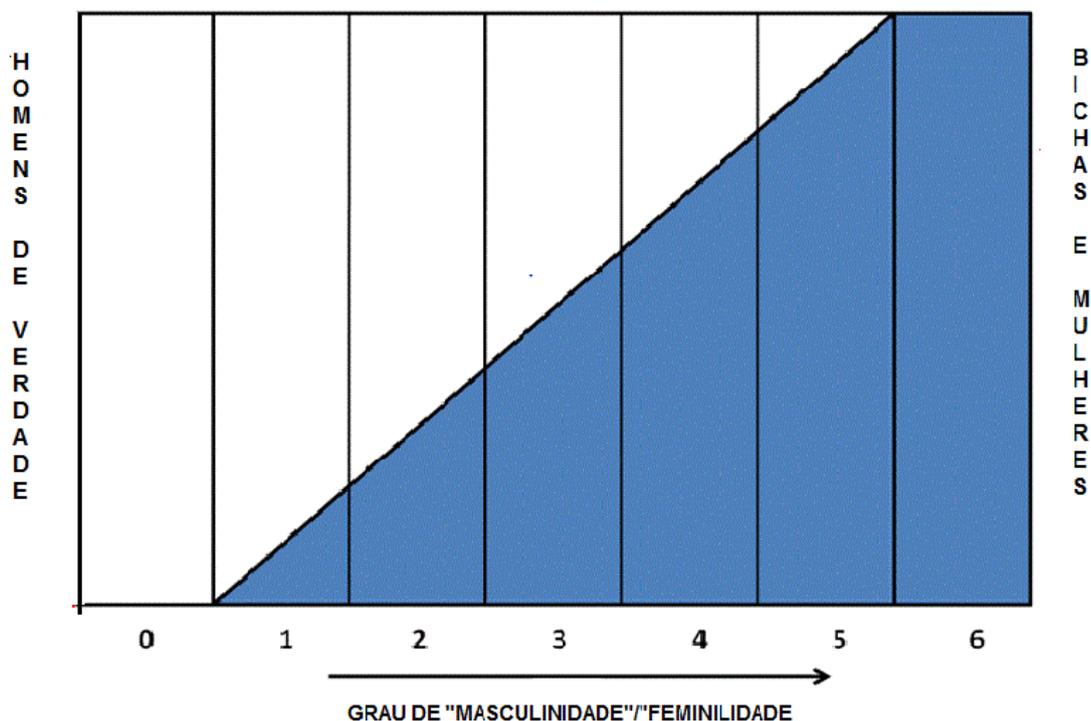


Figura 2: A famosa Escala Kinsey culturalmente adaptada

No Brasil, com o tempo, a divisão entre heterossexuais e homossexuais (a antiga oposição *uranoldiioning*), com a inclusão inevitável dos/as bissexuais, foi ganhando terreno, embora o modelo popular se mostre ainda muito resistente. Nos anos recentes, temos visto uma proliferação de categorias identitárias – a “sopa de letrinhas” mencionada pela antropóloga Regina Facchini (2005) –, mas que, como ator político, agrupam-se numa única sigla “LGBT”, que pode aumentar, mas acaba incluindo, grosso modo, tudo o que um dia foi designado como relativo ao reino da homossexualidade. Mantem-se, no fundo, a velha dicotomia.

A discussão acima aponta para o que parece ser o cerne do problema: como os pesquisadores identificaram os seus investigados como homossexuais e heterossexuais? É esse duvidoso empreendimento de identificação ou categorização que contesta o que o jovem geneticista chama de “fatos”. Para os antropólogos (ao menos para alguns deles), fatos são percebidos não como dados, mas como “arte-fatos” (Latour, 1996), ou seja, são produtos de certa mistura entre matéria e ideia (natureza e cultura, objeto e sujeito etc.). O problema então reside no modo como as pesquisas que informam a genética são construídas e a pouca reflexão antropológica, filosófica e política que incorporam.

O problema será sempre: como esses sujeitos, a partir dos quais as pesquisas das ciências naturais são realizadas, foram definidos ou selecionados? Foram arrolados entre os que se disseram homossexuais (apenas a si mesmos, ao pesquisador, à família?), entre os que mantêm prática homossexual (exclusiva ao longo da vida, exclusiva no momento da pesquisa, simultânea a práticas heterossexuais, apenas insertivas, apenas receptivas, “*flip-flop*”?) ou os que comparecem às paradas LGBT? Ou seriam os que, como no caso dos camundongos, se comportam como “fêmeas”?

Na prática, sabemos o que isso significa. Definir quem são os/as homossexuais é tarefa quase impossível sem a ajuda da história e da cultura. Então, do que mesmo estão falando os geneticistas quando tratam do assunto? A genética seria, portanto, inconclusiva e só poderia afirmar que, consideradas tais atmosferas e pressões, absolutamente singulares conforme se apresentam no histórico mundo humano, detectou-se uma correspondência entre a presença de determinada característica genotípica ou certo modo de funcionamento cerebral e aquilo que, em uma dada cultura ou sociedade, em determinado momento específico de sua história, classificou-se como “homossexual”, “heterossexual”, “bissexual”, “lésbica”, “travesti”, “transsexual”, “bicha”, “bofe” etc. etc. Caso incorporássemos todas essas categorias culturais nas experimentações biológicas, teríamos que buscar tantas concatenações de genes, hormônios, epigenes, quantas são as sociedades presentes e passadas. Apenas um feito hercúleo daria conta da “sopa de letrinhas” que disso resultaria.

Como se vê, apesar do charme do ecumenismo do jovem geneticista, posições construtivistas e essencialistas não são tão facilmente conciliáveis, e os antropólogos continuam no meio da controvérsia.²² Quando perguntado como os geneticistas faziam para definir quem seriam os homossexuais em suas pesquisas, Eli Vieira respondeu laconicamente: “são eles [os sujeitos] que dizem”.²³ Ao que parece, todos reproduzem o pressuposto cultural inicial de que, na natureza, há heterossexuais e homossexuais. Este é um claro exemplo de como as categorias sociais acabam se transformando em categorias naturais. Ao utilizá-las na investigação científica para procurar suas causas naturais, os cientistas acabam produzindo um círculo vicioso. Ou, como diria Robert King Merton, uma profecia que se autorealiza. Jonathan Katz é quem, com maior radicalidade, adota essa posição crítica ao afirmar que “biological determinism is misconceived intellectually, as well as politically loathsome... Contrary to today’s bio-belief, the heterosexual/homosexual

binary is not in nature, but is socially constructed, therefore deconstructable" (Katz, 1995: 189, nota 1).

Os antropólogos têm razão quando insistem na natureza cultural das categorias supostamente naturais, quando mostram o *looping effect* (Hacking, 1995) e as profecias que se auto-realizam. E, sobretudo, têm razão quando insistem na (semi)dissolução da antinomia natureza/cultura, na constante interação das coisas biológicas com as coisas culturais (note-se que essa frase já supõe a existência de dois tipos de "coisas").²⁴ Ou, mais simplesmente, quando seguem as reflexões de Robert Hertz sobre a preeminência da mão direita (Hertz, 1909). Após debruçar-se sobre o fato de tantas sociedades militarem contra a mão esquerda, Hertz perguntou por que não adotaram um caminho inverso, rumo a ambidesteridade. Mesmo se fosse possível demonstrar que determinados desejos vêm da natureza, por assim dizer, ainda teríamos que compreender a maneira pela qual esses desejos adquirem significação e valor, sendo alguns incentivados e outros rejeitados. Cabe aos antropólogos documentar esses processos na vida cotidiana dos cidadãos através da boa etnografia.

Mas será tarefa da antropologia apenas "desconstruir" o que é cotidianamente vivido por um sem-número de pessoas como dado, como certo e "natural", mantendo-se inexoravelmente presa às aporias da controvérsia? Não seria talvez o caso de deslocar a questão e, colocando-se também a si própria como "objeto de pesquisa", problematizar a oposição construção/essência, natureza/cultura? O que se poderia fazer então seria uma análise mais cuidadosa dos contextos (sociais, históricos, culturais) em que tais ou quais teorias – sejam elas biológicas, psicológicas ou sociais sobre a homossexualidade – emergem e prosperam. Podemos, por exemplo, supor que fechamentos ou aberturas identitárias (essencialismos e relativismos) são contexto-dependentes. Disso emergiria um conjunto inteiramente diferente de questões, que, do nosso ponto de vista, são bem mais interessantes. Por que, no campo científico, em certos momentos históricos, é importante afirmar que, de um modo ou de outro, todos os seres humanos seriam homossexuais em maior ou menor grau (Kinsey, Freud etc.); enquanto, em outros momentos, acredita-se haver uma rígida barreira entre tais categorias? Como essas posições opostas são vistas, ora uma, ora outra, como mais politicamente corretas por ativistas e militantes? Como são construídas as verdades desses discursos? Como pesquisadores alinhados a uma ou outra perspectiva conseguem recursos para suas pesquisas? Como tais teorias se articulam a

princípios religiosos?²⁵ Como em discursos como o do pastor, o não-essencialismo em relação a certo tópico (homossexualidade) pode operar em prol da afirmação de um essencialismo muito mais fundamental, nesse caso, relativo às diferenças de gênero, pois como diz ele, “Deus criou macho e fêmea”? Enfim, perspectivas “essencialistas” e “relativistas” deviam ser vistas também como parte do problema a ser pesquisado antropológicamente e não como princípios a serem atacados ou defendidos, mesmo que em nome dos fundamentos da disciplina. Do mesmo modo, adjetivos como “relativista/construcionista” e “essencialista” poderiam ser abordados antes como categorias de acusação, cujo rendimento político mostra-se variável em diferentes contextos sociais.

Epílogo

No dia 2 de fevereiro de 2013, a Associação Brasileira de Antropologia (ABA) veiculou notícia mencionando que o pastor Silas Malafaia iria inaugurar um Doutorado em Antropologia Social, na Faculdade Gospel. Ao que parece, as posições anti-essencialistas ou construcionistas hegemônicas na disciplina o fizeram interessar-se por ela, ou ver nela uma possível fonte de legitimação para suas posições político-teológicas sobre o assunto. Os antropólogos ficaram em alvoroço e imediatamente reativaram uma comissão encarregada de examinar os passos necessários para a regulamentação ou reconhecimento da profissão. Paradoxalmente, ao ameaçar as universidades tradicionais com a possibilidade de conferir um título concorrente de “doutor em antropologia”, o pastor parece ter provocado uma reação “essencializadora” entre os antropólogos, que buscaram definir melhor e para sempre o que seria um “antropólogo de verdade”. É interessante perceber que, se a atuação do pastor faz com que argumentos essencialistas sejam abraçados com mais convicção entre ativistas e militantes LGBT, ela parece ter efeitos semelhantes entre os próprios antropólogos que, frente ao perigo de ficar em companhia tão indesejada, correm o risco de terem, eles próprios, que se definirem (assumirem?) categoricamente para se proteger.

Notas

¹ Para a íntegra do texto, ver: <http://oglobo.globo.com/cultura/o-monossexualismo-7561931>, último acesso 19/03/2015.

² Parte da programação da rede SBT, a entrevista foi ao ar no dia 3 de fevereiro de 2014 e ainda pode ser consultada em https://www.youtube.com/watch?v=t_0OA9JGNCs, último acesso em 19/03/2015.

³ A Cimeb é uma entidade que agrega cerca de 8.500 pastores de quase todas as denominações evangélicas brasileiras.

⁴ Em suas diferentes aparições públicas, o pastor faz questão de utilizar a expressão "homossexualismo" ao invés de "homossexualidade". Essa escolha terminológica foi inclusive tema da entrevista com Marília Gabriela. Malafaia busca marcar assim simultaneamente sua oposição em relação aos discursos que, na arena científica, não consideram a homossexualidade como doença, anomalia, perversão ou anormalidade e aos discursos que, na arena política, posicionam-se em favor dos direitos LGBT.

⁵ Ver https://www.youtube.com/watch?v=3wx3fdnOEos&list=UUil8_HWnWScf4Xmt4FSdU7w, acessado em 30/06/2014.

⁶ Denunciando a pouca familiaridade de Malafaia com a terminologia científica, o geneticista corrigiu o pastor que, talvez por sua fixação ou fascínio pelo tema, chamou, na entrevista, os gêmeos monozigóticos de "homozigóticos".

⁷ No vídeo postado por Vieira, aparecem sobrepostas à sua imagem algumas tabelas com resultados desses estudos. Nelas, vemos que o valor da concordância de orientação sexual entre gêmeos monozigóticos nos diferentes estudos citados varia bastante, indo de 0.20 a 1.00. Em outro momento do vídeo, para fundamentar sua posição, ele apresenta a média de concordância de uma orientação homossexual entre gêmeos monozigóticos e dizigóticos. Entre os primeiros ela seria de 47%, enquanto, entre os segundos, de apenas 13%. Logo, conclui o geneticista, os genes teriam algo a ver com isso. O fato de que, segundo essa média de concordância, em 53% dos pares monozigóticos estudados não haver concordância quanto à orientação sexual não parece abalar o raciocínio.

⁸ As teorias sobre a feminilização ou masculinização cerebral na literatura internacional foram amplamente apresentadas e discutidas por Nucci. Em geral, vinculam-se a pesquisas que supõem que a manifestação de comportamentos homossexuais ou heterossexuais estaria vinculada a uma exposição diferencial do feto a "hormônios sexuais pré-natais", especialmente à testosterona. Conforme a autora, trata-se de "uma espécie de reformulação 'moderna' e fisicalista da teoria do terceiro sexo, tendo em vista que a noção metafísica da alma é substituída aqui por outra mais 'concreta', o cérebro." (Nucci, 2010: 69)

⁹ Ver <https://www.youtube.com/watch?v=ve7-ryXY89w>, acessado em 30/06/2014.

¹⁰ Ver <http://wthrockmorton.com/2008/09/what-did-francis-collins-really-say-about-homosexuality/>, acessado 18/03/2013.

¹¹ Ver <http://jornalggn.com.br/blog/luisnassif/sociedade-brasileira-de-genetica-endossa-eli-vieira>, acessado em 29/04/2016.

¹² Em www.facebook.com/regina.facchini/posts/10151319107767762, acesso em 20/03/2015.

¹³ Fruto de seu conhecimento de certos meios militantes, a tendência apontada pela antropóloga de incorporarem um discurso biodeterminista transpareceria publicamente na 19ª Parada do Orgulho LGBT de São Paulo, a maior do país, que, em 2015, teve como lema: "Eu nasci assim, eu cresci assim, vou ser sempre assim: respeitem-me!".

¹⁴ Em geral, políticos organizados no Congresso Nacional em torno da chamada "Bancada Evangélica" mantêm posições muito próximas das manifestadas pelo Pastor Silas Malafaia. Para eles e seus aliados, sendo a homossexualidade resultado de uma (má) escolha ou "opção" individual não poderia reivindicar amparo ou proteção do Estado. Sobre isso, ver entre outros: Machado e Piccolo (2010); Vital e Leite Lopes (2013); e Natividade e Oliveira (2013).

¹⁵ É importante ressaltar que a maioria desses estudos centra-se na homossexualidade masculina e apresentam "resultados" e hipóteses que não poderiam ser aplicados para explicar a emergência da homossexualidade feminina, que, desse ponto de vista, mantém-se sempre muito mais misteriosa ou enigmática.

¹⁶ Ver <http://www.nhm.uio.no/besok-oss/utstillinger/skiftende/againstnature/index-eng.html>, acessado em 30/06/2014.

¹⁷ A relação 2D:4D refere-se à divisão do comprimento do dedo indicador pelo comprimento do dedo anelar. O resultado dessa divisão indicaria o nível de exposição do feto à testosterona. Quanto menor o seu valor, maior teria sido a exposição à testosterona. Homens apresentariam valores 2D:4D menores do que mulheres (Nucci, 2010: 50).

¹⁸ Para uma abordagem mais completa dessas diferentes teorias, de suas inconsistências e do processo que as transformam progressivamente em "fatos científicos", ver Nucci (2010).

¹⁹ Ver www.newscientist.com/article/dn6519-survival-of-genetic-homosexual-traits-explained.html#.U3Dm4K1dXO8, acessado em 12/06/2014.

²⁰ Nos últimos anos, assistimos sua rápida substituição por uma série de novas e cambiantes categorizações, como lésbicas, gays, transexuais, transgêneros, bissexuais, *queer*, entre outros.

²¹ "While emphasizing the continuity of the gradations between exclusively heterosexual and exclusively homosexual histories, it has seemed desirable to develop some sort of classification which could be based on the relative amounts of heterosexual and homosexual experience or response in each history... An individual may be assigned a position on this scale, for each period in his life.... A seven-point scale comes nearer to showing the many gradations that actually exist" (Kinsey, Pomeroy, e Martin, 1948: 656).

²² Para uma apresentação geral sobre as disputas entre essencialistas e construcionistas no campo dos estudos sobre sexualidade, ver o clássico artigo da antropóloga Carole Vance (1995).

²³ Informação pessoal, via *Twitter*, aos autores.

²⁴ Não se trata aqui de discutir as diferentes abordagens antropológicas contemporâneas sobre a ciência e sua prática. Para um panorama de seu desenvolvimento no Brasil e do campo de interlocução em que se situa, ver os artigos e a apresentação do número da revista *Horizontes Antropológicos* especialmente dedicado ao tema (*Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 17, n. 35, jan./jun. 2011.)

²⁵ Lembremos que, nesse aspecto, a Igreja Católica tem se mostrado inimiga do construcionismo social, a que chama de "ideologia de gênero", e que muito provavelmente apoiaria de bom grado as ideias do jovem geneticista.

Referências bibliográficas

BLANCHARD, Ray e BOGAERT, Anthony F.

2004 "Proportion of Homosexual Men Who Owe Their Sexual Orientation to Fraternal Birth Order: An Estimate Based on Two National Probability Samples". *American Journal of Human Biology*. 16(2): 151-7.

CARRARA, Sérgio e SIMÕES, Júlio

2007 "Sexualidade, cultura e política: a trajetória da identidade homossexual masculina na antropologia brasileira". *Cadernos Pagu*, 28: 65-99.

CIANI, Andrea S. Camperio; FONTANESI, Lilybeth; IEMMOLA, Francesca; GIANNELLA, Elga; FERRON, Claudia; e LOMBARDI, Luigi.

2012 "Factors Associated with Higher Fecundity in Female Maternal Relatives of Homosexual Men". *The Journal of Sexual Medicine*, 9 (11): 2878-2887.

FACCHINI, Regina

2005 *Sopa de letrinhas? Movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90*. Rio de Janeiro, Garamond.

FOUCAULT, Michel

1977 *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro, Graal.

1984a. *Histoire de la sexualité III: le Souci de soi, Bibliothèque des histoires*. Paris, Gallimard.

1984b. *História da sexualidade II: o uso dos prazeres*. Rio de Janeiro, Graal.

FREIRE COSTA, Jurandir

1995 *A face e o verso: estudos sobre homoeróticos III*. São Paulo, Editora Escuta.

FRY, Peter

1982 "Da Hierarquia à igualdade: a construção histórica da homossexualidade no Brasil". In *Para inglês ver: identidade e política na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, Zahar, pp. 87-113.

GIUMBELLI, Emerson

2002 "Para além do trabalho de campo: reflexões supostamente malinowiskianas". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol.17, n.48.

HACKING, Ian

1995 "The Looping Effect of Human Kinds". In SPERBER, Dan; PREMACK, David e PREMACK, Ann James (orgs.), *Causal Cognition: An Interdisciplinary Approach*. Oxford, Oxford University Press, pp. 351-383.

HAMER, Dean e COPELAND, Peter

1994 *The Science of Desire: the Search for the Gay Gene and the Biology of Behavior*. New York, Simon and Schuster.

HERTZ, Robert

1909 "La Prééminence de la main droite: étude sur la polarité religieuse". *Revue Philosophique*, 68: 553-580.

KATZ, Jonathan Ned

1995 *The Invention of Heterosexuality*. Chicago, University of Chicago Press.

KINSEY, Alfred C.; POMEROY, Wardell B.; e MARTIN, Clyde E.

1948 *Sexual Behavior in the Human Male*. Philadelphia, W.B. Saunders.

LAQUEUR, Thomas

2001 *Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.

LATOUR, Bruno

1996 *Petite réflexion sur le culte moderne des dieux faitiches*. Paris, Synthélabo Groupe.

LEVAY, Simon

1991 "A Difference in Hypothalamic Structure Between Homosexual and Heterosexual Men". *Science*, 253: 1034-1037.

MACHADO, Maria das Dores Campos; PICCOLO, Fernanda Devalhas (orgs.)

2010 *Religiões e homossexualidades*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas.

MCINTOSH, Mary

1968 "The Homosexual Role". *Social Problems*, 16: 182-192.

NATIVIDADE, Marcelo e OLIVEIRA, Leandro

2013 *As novas guerras sexuais: diferença, poder religioso e identidade LGBT no Brasil*. Rio de Janeiro, Garamond.

NUCCI, Marina Fisher

2010 *Hormônios pré-natais e a idéia de sexo cerebral: uma análise das pesquisas biomédicas sobre gênero e sexualidade*. Rio de Janeiro, dissertação, Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

ROBINSON, Susan J. e MANNING, John T.

2000 "The Ratio of 2nd to 4th Digit Length and Male Homosexuality". *Evolution and Human Behavior*, 21: 333-345.

SAHLINS, Marshal

1976 *The Use and Abuse of Biology: An Anthropological Critique of Sociobiology*. Ann Arbor, University of Michigan Press.

VANCE, Carole

1995 "A antropologia redescobre a sexualidade: Um comentário teórico". *Physis – Revista de Saúde Coletiva*, vol 5, n. 1: 7-31.

VITAL, Christina e LEITE LOPES, Paulo Victor

2013 *Religião e Política uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBTs no Brasil*. Rio de Janeiro, Fundação Heinrich Böll & Instituto de estudos da Religião (ISER).

WEEKS, Jeffrey

1985 *Sexuality and its Discontents: Meanings, Myths & Modern Sexualities*. Londres, Routledge & Kegan Paul.

“Orientate Yourself, Boy!”: What Might Anthropologists Say to Religious Pastors, Geneticists and so Many “Others” about the Controversy over the Causes of Homosexuality?

ABSTRACT: This paper discusses the controversy that arose from an interview broadcast by a Brazilian television channel during which a prominent Pentecostal pastor denied any biological basis for what he termed *homosexuality*, recommending that “patients” should convert to *heterosexuality*. The interview provoked comments from actors in the fields of religion (evangelical) and science (genetics/biology) on the possible causes of homosexuality. The paper examines the repercussions of this controversy among Brazilian LGBT activists and among anthropologists. It revisits the classical opposition between *essentialist* and *constructivist* perspectives, which the controversy brought to the fore and ends with an anthropological approach suggesting that the conflict between these perspectives should itself be understood as a problem for further research.

KEYWORDS: Homosexuality, Genetics, Pentecostalism, Brazil.